

COPA 2014



Festa latina. Jogadores da Costa Rica comemoram o último pênalti convertido na disputa com a Grécia, na Arena Pernambuco: classificação inédita às quartas de final

ZEBRA, COSTA RICA ESTÁ ENTRE OS OITO

Com dez jogadores desde a metade do 2º tempo, quando Duarte foi expulso, a Costa Rica bateu a Grécia nos pênaltis, após empate em 1

a 1, e, pela primeira vez, está nas quartas de final. Seu adversário será a Holanda, que venceu o México de virada (2 a 1). **CADERNO ESPECIAL**

RENATO MAURÍCIO PRADO

Preocupa o choro da seleção contra o Chile.

VERISSIMO

Falta Neymar provar que é craque mesmo.

FERNANDO CALAZANS

Júlio César retribuiu a confiança de Felipão.

Entreouvido na saída

CHICO

— Tudo bem...
daqui a pouco a gente volta!

FELIPÃO TERÁ DE MUDAR TIME

Sem Luiz Gustavo, suspenso, técnico escolhe entre Paulinho, Hernanes e Henrique. **CADERNO ESPECIAL**

FUTURO INCERTO PARA 3 ESTÁDIOS

Arenas de Brasília, Manaus e Cuiabá correm risco de se tornarem elefantes brancos. **PÁGINA 9**

OS JOGOS DE HOJE

Frância X Nigéria

Brasília • 13h

Alemanha X Argélia

Porto Alegre • 17h

UMA SAGA AMAZÔNICA



Contemplação do paraíso. Numa caverna próxima ao ponto culminante do Brasil, nativos da aldeia de Maturacá, ao pé do Pico da Neblina, reencontram seus mitos

IANOMÂMIS

Ascensão à montanha sagrada

Donos e guardiões do Parque Nacional do Pico da Neblina, em Roraima, sua montanha sagrada, que fica em terras demarcadas em 1992, os ianomâmis da aldeia de Maturacá veem sua herança ameaçada. Numa aventura de 15 dias com uma esca-

lada de 3 mil metros, **SEBASTIÃO SALGADO** e **ARNALDO BLOCH** conviveram com 20 nativos num território pleno de encantos e perigos. A maioria jamais havia subido o maciço. Aculturados, vivendo entre padres salesianos e um pelotão de fronteira,

alguns se envolvem com o garimpo ilegal ou exploram ouro com métodos predatórios enquanto projeto de lei e PEC tentam liberar a mineração em terras indígenas, revela a segunda reportagem da série Uma Saga Amazônica. **PÁGINAS 6 e 7**

PACOTE DE BONDADES

Governo dará nova ajuda à indústria

Benefícios devem ir para máquinas, móveis e têxteis

A três meses da eleição, Dilma tenta animar economia e melhorar relação com empresariado

Menos de duas semanas após lançar um pacote de bondades para melhorar a interlocução com o setor produtivo, o governo já trabalha em mais medidas para turbinar a economia. A primeira é a prorrogação até o fim do ano do IPI reduzido para veículos, mas a equipe econômica também estuda desonerações para beneficiar setores de móveis, têxteis e máquinas. **PÁGINA 23**

Petrobras: prejuízo de ao menos US\$ 126 milhões

Relatório parcial de técnicos do TCU diz que gestores da Petrobras causaram dano de pelo menos US\$ 126 milhões com Pasadena. **PÁGINA 3**

Preço surreal substitui inflação galopante

PÁGINA 21

Obama pede US\$ 2 bi contra imigração

PÁGINA 27

SEGUNDO CADERNO

O DNA DE TAYLOR MCFERRIN

Filho de Bobby McFerrin, cantor desponta com o disco "Early riser", cercado de elogios e com convidados como o pianista César Camargo Mariano.



ENTREVISTA

RIO

ARTE APREENDIDA

Obras avaliadas em R\$ 10 milhões são encontradas pela Receita em contêineres de mudança. **PÁGINA 15**

SOCIEDADE

GUERRA BIOLÓGICA

Cientistas se desdobram para combater ameaça que alarma a OMS: as bactérias super-resistentes. **PÁGINA 25**

UMA SAGA AMAZÔNICA

IANOMÂMIS

ENCONTRO COM
O ESPÍRITO DA
MONTANHA SAGRADA

Expedição plena de encantos e perigos leva nativos da castigada Maturacá ao Pico da Neblina, o cume da sua serra ancestral, da qual são os guardiões, crivada do ouro mais cobiçado do país

TEXTO ARNALDO BLOCH / FOTOS SEBASTIÃO SALGADO



RIOS DE OURO

ONDE CORRE SANGUE

No leito de um rio, entre os tantos que correm no maciço do Parque do Pico da Neblina, onde, dizem, correu recentemente sangue ianomâmi em guerra com garimpeiros, xamã da aldeia Maturacá afasta temporal

Após duas semanas de imersão na casa-aldeia Watoriki, Amazonas (relatada na edição de ontem), chegamos à base do Exército de Maturacá, Roraima, em primeiro de abril. A instalação, estratégica, faz o patrulhamento da fronteira com a Venezuela e do maciço do Pico da Neblina, rico em ouro e fechado à visitação. Ao lado do pelotão fica Maturacá, onde moram 1.500 ianomâmis, guardiões daquelas terras e da serra Yaribo, como chamam sua montanha sagrada, vigiada por *moxuhemayoma*, espírito de ventos, e *yoyoma*, entidade feminina, que abana as tempestades.

— A gente estava aqui antes do dilúvio — informa Julio Góis, xamã e líder maior, que leva o sobrenome do padre salesiano que catequizou os locais, todos católicos.

Alguns usam crucifixos com os chapéus de pelo de macaco e penugem de pássaros brancos. A explanação, em *yanomam* — variação local do idioma —, foi durante a grande reunião com a elite xamânica e alguns caçadores, para decidir quem subirá os 3 mil metros junto com a equipe de reportagem.

— Ali moram espíritos, filhos dos demiurgos que criaram o mundo. Onde os brancos veem montanha, eu vejo casa, como esta aqui — prossegue Julio, apontando para o maciço enevoado que esconde o pico, e referindo-se à estrutura de madeira, local sagrado, sem paredes, onde todos se reúnem, reprodução da estrutura montanhosa “real”, invisí-

vel para nós. Na cosmologia ianomâmi, os brancos, não-humanos criados a partir da espuma amorfa de onde tudo surgiu, já eram previstos há séculos nas visões dos xamãs.

A pressa de partir é grande: tumultuada, a aldeia de Maturacá é em tudo diferente daquela de onde viemos. Cortada por uma avenida de terra batida cheia de cães sem vacinas, que devem somar 500, tem casas construídas com técnicas que misturam seus costumes com os urbanos. Parece uma pequena cidade pobre. Seus habitantes não usam pinturas, penas nem miçangas, e estão na maior parte do tempo vestindo roupas comuns. Apesar de os ianomâmis não beberem álcool, sabe-se que a cachaca circula, embora não se ache na vendinha.

Desacostumados à caça rotineira, quando o fazem, usam espingarda. Daí a dificuldade do chefe para arregimentar os 20 membros para a ascensão: muitos nunca subiram lá e a maioria jamais foi ao cume; outros, são guias de turistas clandestinos; pelo menos metade já se envolveu com o garimpo ilegal que ainda opera, apesar de os ataques da Frente de Proteção Ianomâmi, em conjunto com o Exército, ter desbaratado a maior parte. Viver numa aldeia semiurbana, altamente sedentarizada, é difícil, e os garimpeiros pagam bem.

Há, mesmo — e todos sabem disso —, pelo menos um ianomâmi que explora ouro com máquinas, e que tem uma balsa, oculta. A população indígena, pela Constituição, pode garimpar em área

protegida, mas só à moda antiga, com bateias, o que é vedado aos brancos. Para conseguir que os 20 expedicionários, enfim escolhidos, busquem em suas casas arcos e flechas, lanças, penas e tintas, Julio tem que falar grosso, e em português.

— Vamos acabar com essa putaria!

Seu rosto grave, com sulcos laterais, lembra as fisionomias de estátuas incas (parece que eles estiveram por aqui, em busca de ouro), o que é comum entre os ianomâmis dessa área, que contam existirem escadarias pré-colombianas secretas no maciço. Descendente de nativos que presenciaram a chegada das missões, e cuja esposa, cabocla, vestiu as mulheres nuas da tribo com roupas que cobriam suas vergonhas, Julio já fez de tudo: trabalhou para o exército e para o garimpo, foi intérprete, professor, guia. Ele teme a ascensão a Yaribo com tanta gente. Tudo vai depender dos espíritos principais e dos auxiliares, formas originais das plantas, dos animais, da terra, da água.

Cabe ao líder dos brancos e comandante da expedição, Sebastião Salgado, dar um outro contorno aos objetivos da viagem e pedir ajuda, enquanto distribui os kits com sacos de dormir, casacos, redes, canivetes, lanternas, roupas e equipamentos para enfrentar o frio, a chuva, o breu.

— Essa missão é para que os guerreiros daqui reencontrem sua montanha sagrada e ajudem os brancos a alertar o mundo e evitar que as mineradoras destruam a terra-floresta ianomâmi e que o

governo corte seus rios com mais estradas e usinas — alerta, referindo-se aos Projeto de Lei 1610 e PEC 215 que tramitam aceleradamente no Congresso e podem promover uma nova corrida do ouro, liberando as mais de 600 licenças de mineração pendentes: — Por isso, eu quero que vocês sejam os ianomâmis valentes que têm que proteger o Brasil e o Mundo, aqui, nesta montanha, símbolo do Brasil, de onde podemos ver a floresta toda, e depois pensar sobre como usar essa região para o ecoturismo e a extração sustentável para não ficar reféns do dinheiro ilegal.

É sob a égide destas palavras que a expedição parte no dia seguinte, de barco, até o “porto” ao pé da grande montanha. Cuja subida é árdua e levará três dias. Embora haja trilhas, o solo é cheio de raízes que ora apoiam a caminhada, ora escorregam como sabão. Árvores espinhosas nas quais não se pode pôr a mão, folhas de bromélias que são como espadas que podem furar os olhos, barrancos que se movem à beira de precipícios, buracos ocultos, pontes de bambu que atravessam cursos baixos de rio e descidas agudas alternadas com picadas: esse é o ambiente, sem chuva. É preciso evitar as cobras e andar em grupo para não dar chance a felinos.

Os acampamentos são montados na hora, com vigas cortadas a faca e recolhidas na mata pelos ianomâmis, pelo mateiro Raimundo (com rádio onde passam as notícias da Nacional Amazonas) e pelo indigenista João Catalano, da Frente de Prote-

UMA SAGA AMAZÔNICA



RESTO DE BANDEIRA O CUME EM FARRAPOS

Os guerreiros que, entre os 20 escolhidos para fazer a ascensão, conseguiram, em abril, chegar ao ponto mais alto do Brasil e posar junto à bandeira em farrapos. Dali, se vê toda a floresta e a Venezuela. É proibido passar a noite.

ção. A cobertura de lona, principalmente quando chegamos à base para a subida final, cederá várias vezes às tempestades que vêm do alto.

As margens de um rio pedregoso claramente remexido pelo garimpo, a base a 2.300 metros de altura é coberta, a maior parte do tempo, por uma névoa que esconde o sol e impede as roupas e as redes de secarem, nos 12 dias que ali ficamos. O banho é geladíssimo, em águas que, dizem alguns, têm sangue de briga de branco com índio.

— Índio não — adverte Julio, em português, na difícil, quase letal, subida à Serra Montilla, nome de rum, dado por garimpeiros e ianomâmis, no tempo em que, pelos anos 1980, a um grau da Linha do Equador, funcionavam ali duas cantinas e um bordel. Dizem que a comissão para um político ligado à administração indígena era enviada em latas de Leite Ninho.

— Se não é “índio”, o que é? — pergunto.
— “Índio” é coisa de branco. Coisa de Pedro Álvares Cabral. Nós somos ianomâmis. Estávamos aqui antes do dilúvio. Nunca mais repita “índio”, e isso é uma mensagem dos meus parentes.

Sozinho com os ianomâmis, eu havia gritado “estou aqui com os índios” a um grupo que estava perdido de nós no outro lado da serra.

Rumo ao alto da Serra Montilla, vestígios de garimpo recente: pilhas, lixo, uma garrafa de cachaça Pirassununga, pedaços de transistores de rádio espalhados sobre o calcário branco e amarelado.

— Aqui tem muito ouro — adverte Orlando, guia de montanhas, com dificuldades de articular as palavras. Anos atrás, ele teve um derrame e foi abandonado por um paraquedista-espetáculo mundialmente famoso, a quem servira de carregador e guia, sem jamais ter sido pago, de acordo com os autos de um processo que corre.

O espírito dos ventos fechou o tempo e uma grande tempestade ameaçava transformar o caminho de volta, pleno de paredes verticais, em um lamaçal. Julio tirou de um compartimento sua *yakuana*, pó sagrado, e puxou o rito xamânico, pedindo a *yoyoma* para afastar o perigo.

O perigo jamais se afastaria até o fim da expedição. Mesmo assim, dias depois, os guerreiros de Maturacá, com todas as suas contradições e segredos, após subida traumática, abraçaram a bandeira esfarrapada do Brasil, cravada nos poucos metros do ponto culminante. Só assim foi possível, durante a volta, dias depois, em descida acelerada do maciço, com a comida em falta e as energias no fim, contemplar as paisagens serranas que lembram jardins de Burle Marx, lá no alto, e os igarapés cor de ouro pintados pelo sol, que se multiplicam na parte baixa, o calor de volta, a terra firme. ●

GUARDIÕES

AO FUNDO, OS ESPÍRITOS

Os dois xamãs mais antigos de Maturacá, entre eles Julio Góis, o chefe maior, com o Pico da Neblina ao fundo. Na foto de baixo, um dos cursos de rio preservados com suas cachoeiras cercadas de bromélias, açaizeiros, tipo de paisagem que inspirou os jardins de Burle Marx



NA WEB
oglobo.com/pais
Galerias com mais fotos, vídeos e a primeira parte da série, publicada ontem